

IMPRESSÕES DE AVÉ-LALLEMANT SOBRE A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

Jorge Luiz Waechter

O que trouxe Avé-Lallemant para uma distante província do sul do Brasil, quando viajar significava passar semanas a fio no lombo de um cavalo, muitas vezes enfrentando condições meteorológicas adversas, dormindo ao relento ou dependendo da hospitalidade de moradas extremamente modestas? O fascínio pelo novo e as emoções proporcionadas pela mudança de espaços, paisagens e costumes que ele deixa transparecer em sua Viagem ajudam, por certo, a explicar a motivação desta personalidade ímpar, cujas impressões biogeográficas e antropológicas sobre o Rio Grande do Sul merecem a atenção de estudiosos e mesmo do leitor comum, pelo valor histórico e pela atualidade que ainda expressam, no melhor estilo literário.

Robert Avé-Lallemant, ao contrário do que poderia sugerir o nome francês, nasceu na báltica e nórdica cidade de Lübeck, Alemanha, no ano de 1812. Depois de ter estudado em importantes cidades européias, como Berlim e Paris, defendeu sua tese de doutorado *De Lithotritia* (Sobre Litotripsia) em 1837, na Universidade de Kiel, Alemanha.

No ano seguinte, 1838, Avé-Lallemant rumou pela primeira vez para o Novo Mundo, vindo precisamente ao Rio de Janeiro, onde, ao longo de dezessete longos anos, exerceu “ádua atividade de clínica”, conforme suas próprias palavras.

Em princípios de 1855 decidiu retornar à cidade natal, porém a personalidade nômade e aventureira, além de uma possível nostalgia da vida tão diferente nos distantes trópicos brasileiros, fizeram com que Avé-Lallemant procurasse integrar-se, na última hora, como médico de uma grande expedição de circumnavegação, a bordo da real e imperial fragata austríaca “Novara”. Esta integração tornara-se possível graças a uma carta de recomendação do célebre Alexander von Humboldt (1769-1859), por quem Avé-Lallemant nutria uma profunda e sincera admiração.

Assim, no final de abril de 1857, a bordo da “Novara”, Avé-Lallemant partiu do porto de Trieste, na costa norte do mar Adriático, para a sua segunda viagem à América do Sul. Porém, desentendimentos com oficiais de bordo fizeram com que o viajante solicitasse demissão a Sua Alteza Real e Imperial, o Arquiduque Ferdinando Maximiliano, e permanecesse no Rio de Janeiro.

Ao contrário da estada anterior, desta vez Avé-Lallemant não iria exercer nenhuma atividade médica no Brasil, mas sim empreender duas grandes viagens, primeiro pelo sul (1858) e depois pelo norte (1859). O relato destas viagens seria publicado na Alemanha, inicialmente a viagem pelo sul, em dois volumes¹ e posteriormente a viagem pelo norte, também em dois volumes². Depois destes importantes documentos sobre o Brasil do século dezanove, o autor publicou relatos de viagens para o Egito e à França, além de um livro sobre o grande poeta português Luís de Camões.

A viagem pelo sul abrange os estados do Rio Grande do Sul (primeiro volume), Santa Catarina, Paraná e São Paulo (segundo volume). A viagem pelo norte, por sua vez, compreende incursões nos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe (primeiro volume), Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas (segundo volume).

Os livros de Avé-Lallemant foram traduzidos para o português e publicados no Brasil, aproximadamente um século depois. A viagem pelo sul ganhou tradução de Teodoro Cabral³ e a viagem pelo norte de Eduardo de Lima Castro⁴. O primeiro volume da viagem pelo sul foi novamente publicado anos mais tarde, com o título *Viagem pela província do Rio Grande do Sul* (1858)⁵.

¹ AVÉ-LALLEMANT, R. *Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858*. 2v. Leipzig: F. U. Brockhaus, 1859.

² AVÉ-LALLEMANT, R. *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859*. 2v. Leipzig: F. U. Brockhaus, 1860.

³ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*. 2v. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1953.

⁴ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. 2v. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1961.

⁵ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, Universidade de São Paulo, 1980. Todas as citações originais do autor consideram a tradução da *Viagem pelo Sul do Brasil* realizada por Teodoro Cabral e publicada em 1953 e 1980.

Não é preciso ler a *Viagem* até o final para perceber que Avé-Lallemant era um homem fascinado pelas emoções proporcionadas pela mudança de espaços, paisagens, costumes e naturezas. O longo tempo vivido no Rio de Janeiro fizeram com que o médico dominasse a língua portuguesa, fato que seria, sem dúvida, um dos acessórios mais importantes na bagagem. Na primeira despedida do Brasil, a bordo da fragata francesa “Galathée”, uma constatação: o quanto não tinha conhecido as magníficas praias que desapareciam no horizonte, o quanto não tinha vivenciado a pujante natureza que se estendia para o longínquo interior do continente.

Além da natureza extratropical, dois aspectos adicionais devem ter exercido especial atração na distante província de São Pedro do Rio Grande do Sul: o retiro eremítico do famoso botânico francês Bonpland, na imensidão dos pampas da vizinha província argentina de Corrientes, e a então pioneira e florescente colonização alemã na assim chamada zona serrana da província.

A visita a Aimé Jacques Goujoud (1773-1858), mais conhecido como Bonpland, então velho e doente, vivendo em condições de extrema pobreza e solidão, constitui uma das passagens mais emocionantes da narrativa:

Afinal apareceu o velho e incansável botânico, vestido simplesmente de camisa e calças de algodão branco. Oitenta e cinco anos de vida movimentada tinham cavado sulcos profundos no amado e amável rosto do homem, cujos olhos, porém, claros e límpidos olhavam em torno de si. Cordial e amavelmente me recebeu ele e desculpou-se de seu pobre mobiliário, pois sua hospitalidade não pode ir além de mandar assar carne para mim, só me podendo apresentar uma faca, um garfo e um prato de estanho.

Então, depois de ter terminado minha refeição com o auxílio do meu canivete e dos dedos, tivemos uma variada palestra sobre botânica e política, estância e Paris, Humboldt e São Borja: como vagueavam vivos os pensamentos do velho nos espaços imensos que percorreram e no largo tempo vivido! Mas queria ainda mais espaço, e ainda mais tempo de vida esperava ele, com uma espécie de fome canina. Alguns anos mais tarde, como seria a solitária, imóvel e inanimada Santana!

⁶ BONPLAND, A. *Journal voyage de Sn. Borja a la Sierra y a Porto Alegre*. Porto Alegre, Paris: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centre National de la Recherche Scientifique, 1978.

Dez anos antes Bonpland também havia empreendido uma viagem pelo Rio Grande do Sul, anotando inúmeras informações em seu diário particular, publicado muito tempo depois⁶. O velho botânico viria a falecer apenas algumas semanas depois, no dia 4 de maio, quando Avé-Lallemant ainda se encontrava na província.

A visita a Bonpland representa também o ponto extremo meridional e continental da viagem. A partir daí tudo seria regresso, a peregrinação tinha sido realizada, Avé-Lallemant tinha se transformado em um tardio elo de ligação entre Humboldt, cuja recomendação tinha possibilitado a inclusão na “Novara”, e Bonpland, cujo estilo de vida então jamais poderia fazer suspeitar de que se tratava do antigo companheiro de Humboldt nas famosas expedições científicas empreendidas pelos trópicos do Novo Mundo.⁷

⁷ ROMARIZ, D. A. *Humboldt e a fitogeografia*. São Paulo, Edição da autora, 1996.

Como viviam os alemães, seus compatriotas, nas incipientes colônias encravadas em longínquas paragens sul-americanas? Avé-Lallemant conheceu a dura realidade cotidiana dos imigrantes germânicos em várias colônias, em diferentes estádios de colonização: São Leopoldo, Santa Cruz e Santo Ângelo (posteriormente Agudo). De modo geral, ficou orgulhoso e impressionado com a capacidade de trabalho, a perspectiva de progresso e as aparentes condições de salubridade e felicidade que emanavam dos jovens teuto-brasileiros, de tez esmaecida, olhos azuis e cabelos louros...

A leitura de diversas experiências vividas durante o contato com o elemento alemão, deixa transparecer uma espécie de ufanismo germânico, aceitável e compreensível até certo ponto. Tal postura, porém, seria condenável na mentalidade de um intelectual sensível, perspicaz e inteligente? Lendo a *Viagem* até o final, verifica-se que Avé-Lallemant foi um homem de seu tempo, com sua formação, sua sensibilidade e suas experiências de vida. As impressões de viagem refletem estas condicionantes, como não poderia deixar de ser para qualquer pessoa. Avé-Lallemant analisa e descreve de maneira positiva ou negativa alemães, portugueses, índios, espanhóis e mestiços, ou seja, toda a diversidade racial e cultural encontrada no seu itinerário. Não cabe aqui exercitar qualquer crítica sobre os pontos de vista pessoais do autor, porém destacar a importância que seu relato de viagem representa para quem vive no extremo sul do Brasil de hoje.

Robert Avé-Lallemant chegou ao porto de Rio Grande a bordo do paquete “Imperatriz”, no dia 22 de fevereiro de 1858, depois de uma viagem marítima de seis dias ao longo da costa brasileira, saindo do Rio de Janeiro e passando por Desterro (Florianópolis). “A barra do Rio Grande é, sem dúvida, uma das mais desagradáveis e mais perigosas que existem e poucos portos se encontrarão em que, em proporção com os navios entrados, tenha havido tantos naufrágios como aqui”.

No dia seguinte partiu para Porto Alegre, a bordo do vapor “Marquês de Olinda”, navegando para o norte pela Lagoa dos Patos.

Passamos por uma linda ilha, a Ilha das Pombas, e depois por uma elevação coberta de mato, Ponta Grossa. À distância de várias milhas, sobre uma colina que avança sobre a água, defronta-se-nos, na linda paisagem, uma aprazível cidade. Não fora há muito seu nome, involuntariamente lhe chamaríamos Porto Alegre!

Nas semanas seguintes visitou as colônias alemãs de São Leopoldo, Santa Cruz e Santo Angelo (Agudo) e passou pelas localidades de Rio Pardo, Cachoeira e Santa Maria (então cognominada da Boca do Monte). A partir de Santa Maria tomou o rumo noroeste até os Sete Povos das Missões, passando por numerosas estâncias e lugarejos. Em seguida viajou para sudoeste, na direção do Rio Uruguai e das localidades de São Borja, Itaqui e Uruguaiana. O trecho entre as duas últimas cidades foi percorrido a bordo de uma chalana, navegando ao longo do Rio Uruguai.

Sediado em Uruguaiana, atravessou a fronteira argentina, passando por Restauración (atualmente Paso de los Libres), para uma das visitas mais importantes de toda a viagem: o velho e famoso botânico Bonpland, na Estância de Santana, nos domínios correntinos. Com exceção desta visita, Avé-Lallemant viajava sempre ao lado de seu fiel empregado e companheiro, referido simplesmente como “spahi”, termo aplicado a cavaleiros do antigo exército francês, recrutados entre os nativos da África do Norte, sobretudo a Argélia.

De volta para Uruguaiana, iniciou o longo retorno a Porto Alegre, passando por Alegrete, Tapevi (Itapevi?), São Gabriel, Caçapava e Cachoeira. Nesta última cidade fechou-se um imenso polígono que poderia ser denominado de missionário-pampeano. Apesar de encontrar-se na margem do Rio Jacuí, a viagem continuaria ainda por via terrestre até Taquari, passando novamente por Rio Pardo. O trajeto de Taquari até Porto Alegre foi percorrido por via fluvial, a bordo do elegante vapor “Jacuí”.

No dia 15 de maio partiu de Porto Alegre para Rio Grande, a bordo do vapor de guerra “Amélia”. Sediado em Rio Grande, aproveitou para conhecer Pelotas e arredores até que, no dia 22 de maio, embarcou no paquete “Imperador”, com destino a Desterro (Florianópolis), despedindo-se assim das “praias solitárias onde se amontoa areia sobre areia e se quebram ondas sobre ondas e por longo tempo a cor pardo-suja do mar acompanha o navegante...”

Avé-Lallemant, portanto, permaneceu exatos três meses na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, deixando registrado para a posteridade um fascinante relato de viagem, com inúmeras informações biogeográficas e antropológicas.

Além do hábito tipicamente pampeano de tomar chimarrão, uma outra característica relacionada às extensas e monótonas superfícies campestres, apenas ocasionalmente quebradas por capões ou galerias de mata, escassamente pontilhadas de estâncias ou fazendas, e freqüentemente castigadas pelo frio, chuva, calor ou vento, era a famosa hospitalidade gaúcha! Para quem se aventurava nessas paragens solitárias, era muitas vezes vital receber um leite quente para beber, uma cama rústica para dormir e um cavalo descansado para prosseguir a jornada.

E mais uma influência da paisagem natural sobre as relações antrópicas: extensas pastagens naturais e reduzidas populações humanas compunham um cenário obviamente favorável para a criação extensiva de gado, portanto com menor utilização do trabalho escravo, cujas conseqüências sociais parecem não ter sido tão nefastas no Rio Grande do Sul, em comparação com outras províncias essencialmente agrícolas.

Impressões de viagem

Qual o valor da *Viagem* de Avé-Lallemant para a atualidade? Trata-se, sem dúvida, de um valioso retrato do Rio Grande do Sul, em meados do século dezenove. Avé-Lallemant registrou com sensibilidade invulgar numerosos incidentes cotidianos, às vezes considerados insignificantes pelo próprio autor, mas que, em conjunto, proporcionam um vigoroso painel social da época, nas cidades, lugarejos e estâncias.

Ao longo de cada segmento percorrido, no convés de um vapor ou no lombo de um cavalo, o registro da paisagem, da vegetação, da flora e da fauna, e do pitoresco e diversificado elemento humano.

Lendo o texto de Avé-Lallemant, difícil não pensar em outro viajante naturalista, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), e traçar algumas comparações. Saint-Hilaire estivera no Rio Grande do Sul em 1820-1821, portanto quase quarenta anos antes, com o objetivo principal de colecionar exemplares da flora nativa. O itinerário dos dois viajantes foi em grande parte coincidente. A *Viagem* de Saint-Hilaire, igualmente, proporciona uma excelente visão da sociedade sul-rio-grandense, fato que aproxima os dois documentos em interesse e importância.

A edição original de Avé-Lallemant foi publicada logo após sua estada no Rio Grande do Sul⁸, coincidentemente no ano da morte de Humboldt. A viagem de Saint-Hilaire apareceria, positivamente, quase três décadas depois⁹.

O fato da obra de Saint-Hilaire, assim como o próprio autor, ser atualmente muito mais conhecida do que a de seu colega viajante germânico, é de difícil explicação, podendo talvez estar relacionada à língua francesa, mais acessível aos intelectuais

⁸ AVÉ-LALLEMANT, R. Op. cit., 1859.

⁹ SAINT-HILAIRE, A. *Voyage à Rio Grande do Sul*. Orléans: H. Herluison, 1887.

brasileiros do que a língua alemã, e mais importante no cenário internacional do século dezenove. A não inclusão de Avé-Lallemant na revisão de Quintas, sobre botânicos viajantes no Rio Grande do Sul, talvez seja devida a um certo desconhecimento generalizado da obra do autor ou então a ainda não suficientemente conhecida edição brasileira, na época da redação do artigo.¹⁰

¹⁰ QUINTAS, A. T. Datas e itinerários dos viajantes botânicos no Rio Grande do Sul. *Rev. Esc. Agron. Veter., UFRGS*, 1(3):57-64, 1956.

Ao longo das páginas de Avé-Lallemant, o leitor pode ficar surpreso com a alta qualidade literária da redação, sempre acompanhada de um esforço de registrar e assim transmitir as emoções sentidas diante do oceano de novidades que se descortinava dia após dia, local após local. O texto impregnado de adjetivos e advérbios procura transmitir estas emoções. Pode parecer banal ou nem mesmo chamar atenção, para um gaúcho, ver um jerivá e uma araucária crescendo lado a lado, mas não para um estrangeiro deslumbrado com a coexistência destes símbolos de inter e extratropicalidade: “Palmares e pinhais! Alegres coroas de palmeiras e sombrias araucárias crescendo promiscuamente são, com efeito, os grupos que no Rio Grande mais atraem os olhos do viajante, mais vivamente despertam a sua admiração...”.

Flora e fauna

Embora Avé-Lallemant fosse médico de formação e profissão, tinha bons conhecimentos de História Natural, de modo que espécies vegetais e animais são frequentemente mencionadas para os diferentes ambientes percorridos. A citação de nomes científicos de numerosas famílias e espécies de plantas vasculares tornam o texto interessante para o botânico contemporâneo, possibilitando até a configuração de um quadro florístico e vegetacional. Avé-Lallemant ficou vivamente impressionado com a diversidade de plantas campestres, sobretudo da família das compostas, referidas no texto como “singenésias” ou “sinanteráceas”. É claro que diversos nomes citados não correspondem à nomenclatura científica atualmente em uso, porém não constituem, de modo algum, demérito à obra, já que uma espécie de ciranda nomenclatural acompanha toda a história da Sistemática Biológica.

O gênero *Mauritia*, também referido por Lindman¹¹ para o Rio Grande do Sul, corresponde na realidade a *Trithrinax*, que engloba uma ou duas espécies de palmeiras nativas com folhas flabeliformes, conhecidas popularmente como buriti ou carandá. O mesmo padrão foliar (flabelado) e o mesmo nome popular (buriti) devem ser a origem deste equívoco. Apesar de certas semelhanças, os gêneros *Mauritia* e *Trithrinax* não são taxonomicamente próximos, pertencendo a subfamílias distintas e apresentando distribuição geográfica atual, respectivamente, intertropical e extratropical (no continente americano).

¹¹ LINDMAN, C. A. M. *Beiträge zur Palmenflora Südamerikas*. Stockholm: P. A. Norstedt., 1900. (Bihang K. Svenska Vet.-Akad. Handl. Band 26, Afd. III, No. 5).

O gênero *Araucaria* é subordinado pelo autor à família Pinaceae, de coníferas tipicamente temperadas do hemisfério norte, entre as quais algumas freqüentemente cultivadas no Rio Grande do Sul, como *Pinus*. Modernamente se considera *Araucaria* na família Araucariaceae, representada por três gêneros de coníferas tropicais e temperadas, atualmente distribuídas no hemisfério meridional.

O caráter transicional subtropical da flora gaúcha foi admiravelmente sintetizado na seguinte expressão:

O Rio Grande tem o raro encanto botânico de que aqui se estendem largamente para o sul as plantas dos trópicos, sem de modo algum prejudicar a natureza extratropical. Antes de tudo o que ocorre nos trópicos e fora deles lá se ajunta promiscuamente, se emaranha e cresce; e não se pode fazer uma excursão sem ser surpreendido por impressionantes contrastes....

Os animais que mais impressionaram Avé-Lallemant foram os ruidosos macacos e papagaios nas florestas e os agitados veados e emas nas pradarias. Freqüentemente encontrados no trajeto percorrido, constituem representantes típicos de ecossistemas tão diferentes como matas e campos. No entanto, quem hoje penetra nos escassos remanescentes florestais, ou atravessa as extensas planícies pampeanas ainda não tomadas pela agricultura ou pela urbanização, raramente encontra alguns sobreviventes dos antigos bandos que vagueavam entre as primeiras manifestações de civilização.

O efeito dramático da colonização européia sobre a fauna nativa, em menos de um século e meio de expansão e “progresso”, pode ser diretamente avaliada pela comparação da situação atual, amplamente conhecida, e um comentário emitido pelo autor, na época da viagem:

A caça é abundante: numerosos veados, porcos do mato e, conforme o gosto, mesmo antas, que se encontram em quantidade nos terrenos úmidos e naturalmente pouco acessíveis. A onça ocorre muito mais raramente; dez dias antes fora morta uma a tiro. O animal só ataca o homem por necessidade e, em toda a região, apesar de muito indagar, não tive notícia de nenhuma história sangrenta desse felino que eu possa reproduzir.

Paisagens e vegetação

Uma pequena compilação de algumas descrições da vegetação nativa, ao mesmo tempo com precisão quase científica e estilo sempre poético, proporciona um verdadeiro painel sobre a

fitogeografia sul-rio-grandense. Avé-Lallemant soube distinguir importantes aspectos fisionômicos e composicionais de diferentes tipos de florestas, campos e palmares.

Nas proximidades de Santa Maria (da Boca do Monte), o registro do contato de dois ecossistemas maiores: “Dei um passeio à tarde para o lado da estrada da serra, região realmente encantadora. A magnífica floresta brilhava ao sol, enquanto, para o sul, os campos se estendiam a distância”. Na região centro-leste, a constatação de um mosaico vegetacional:

Embora ainda contenha grandes pastagens, a região entre Rio Pardo e Taquari perde a aparência de pampa. Aqui encontramos antes uma paisagem de matas e colinas relvadas, às vezes entremeada de pequenas cadeias de serras, cujas escuras elevações cobertas de mato contrastam com o verde-claro dos prados que se estendem até elas. Tudo lembra a proximidade da serra, tudo recorda uma travessia serrana.

Florestas

A incursão em uma floresta virgem, nos arredores da colônia de Santa Cruz, proporciona uma descrição ao mesmo tempo ecológica e poética do ambiente:

Uma estreita vereda me levava mata a dentro e em pouco me vi cercado de milhares de formas, cores e figuras, botânicas e zoológicas, da mais espessa floresta. Pingavam melodicamente as últimas gotas de orvalho das copas das árvores, onde variiegados papagaios limpavam a plumagem. Muito ao longe corriam bandos de macacos. Nas clareiras esvoaçavam grandes borboletas. Tanto silêncio, um silêncio tão dominical, que se podia ouvir a respiração das plantas.

Na viagem a São Leopoldo, a observação das matas marginais do Rio Jacuí, com seu emaranhado de árvores e bambus. Chamam a atenção a quantidade de lianas e epífitas:

Não é preciso acrescentar que quase todas as grande árvores, notadamente as mirtáceas, são entrelaçadas por trepadeiras e deitam longas cordas sem folhas até a água. Nas sombra das enfolhadas copas prevalece o parasitismo; e, ao lado das orquídeas, medram excelentemente as bromeliáceas.

Não se trata, na realidade, de parasitismo, mas sim de epifitismo, já que orquídeas e bromélias apresentam sistemas radicais apenas aderentes nos ramos das árvores. As parasitas ou

hemiparasitas verdadeiras, como é o caso das ervas-de-passarinho, apresentam raízes transformadas em órgãos haustoriais, que penetram no interior dos tecidos vivos das plantas hospedeiras.

Sediado em Santa Maria da Boca do Monte, Avé-Lallemant decidiu excursionar para o planalto, para conhecer as famosas florestas com Araucária:

Com toda a majestade erguiam-se em torno de nós as princesas da floresta. Muitas, das maiores, tinham sido abatidas e consumidas na construção de casas e em tábuas. O vigoroso tronco mede, de diâmetro, três a quatro pés e mais, e sobe, em forma de coluna, sem esgalhar, 50 a 70 pés de altura. Depois, em disposição quase em forma de molinete, saem do tronco numerosos galhos, que partem em ângulo reto, sem folhas, até que, nos últimos ramos, se comprimem longas folhas lanceoladas, agulhiformes.

Palmares

As palmeiras, como família tipicamente tropical, sempre exerceram um grande fascínio sobre viajantes e pesquisadores provenientes de países temperados. A partir desta constatação, pode-se imaginar o impacto paisagístico que um conjunto destas plantas de hábito tão peculiar deveria ter causado. Avé-Lallemant encontrou em seu roteiro dois palmares bem diferentes, embora constituídos por espécies do mesmo gênero (*Butia*):

...galopei para o oeste, para um distante palmar, que mais belo não se pode ver. Da coxilha moderadamente ascendente, sem vestígio de mato, se elevavam livres e desembaraçados, às centenas, os esbeltos troncos e inclinavam as frondes ao vento da manhã, sem que nenhuma árvore de outra família de plantas perturbasse a impressão que produzia esse pequeno mundo de palmeiras em toda sua pureza, poder-se-ia dizer, em sua forma africana.

Avé-Lallemant encontrou este palmar quando se dirigia para a estância de Bonpland, na província argentina de Corrientes. O texto não faz referência sobre a espécie, porém, pela descrição e localização, trata-se de *Butia yatay* (butiá-jataí), palmeira que forma impressionantes conjuntos monodominantes, semelhantes aos oásis de tamareiras no norte da África.

Quando, de manhã, saí de Tapevi, a minha atenção foi despertada por uma planta grosseira de um cinzento brilhante que, em moitas herbáceas, cobria encostas inteiras, em milhares de exemplares. Apeei-me e

encontrei inumeráveis palmeirinhas truncadas ou frondes de palmeiras que tinham todos os atributos da palmeira, menos o estipe, pois as folhas, de um a dois pés de comprimento, pinatífidas como na maioria das palmeiras, saem diretamente do chão.

A espécie acima corresponde, quanto ao hábito acaule e distribuição geográfica, à *Butia paraguayensis* (butiá-anão), na época ainda não conhecida pela ciência. Alguns anos mais tarde a espécie seria descrita como nova por Barbosa Rodrigues, a partir de material coletado no Paraguai.¹² O hábito acaule ocorre em diversas palmeiras de solos arenosos, derivando do crescimento caulinar inicialmente geotrópico, que resulta em estipes adultos subterrâneos¹³.

¹² BARBOSA RODRIGUES, J. *Palmae novae Paraguayensis*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1899.

¹³ RAWITSCHER, F. K. & RACHID, M. Troncos subterrâneos de plantas brasileiras. *An. Acad. Brasil. Ciênc.*, 18(4):261-280, 1946.

¹⁴ HUECK, K. & SEIBERT, P. *Vegetationskarte von Südamerika*. Stuttgart: Gustav Fischer, 1972. (1 mapa).

Campos

As diferenças fisionômicas entre os campos ondulados da Depressão Central e os campos aplanados da Campanha Ocidental aparecem nítidas nas transcrições reproduzidas a seguir. Este critério geomorfológico seria adotado mais de um século depois para distinguir as principais fisionomias pampeanas no contexto de toda vegetação sul-americana.¹⁴

Esse campo não é de modo algum uma superfície inteiramente plana, em que a gente julga ver um oceano congelado. Tanto pode ser plano como ondulado e até montuoso. A palavra campo significa uma pastagem aberta, natural, em oposição à floresta e à montanha coberta de floresta. Assim, pois, o campo ao norte de Rio Pardo é entremeado de largas colinas de pouca altura ou coxilhas, cujas ervas curtas pastam os rebanhos de gado.

Apenas nos afastamos alguns minutos de Uruguaiana, já nos encontrávamos em pleno pampa. Árvores, arbustos, pomares, plantações, habitantes, tudo desaparecera; a relva curta enchia o vasto espaço em torno de nós e repousava o céu sobre a superfície de um mar coagulado, onde, durante horas inteiras, éramos os únicos seres humanos visíveis.

Impacto ambiental

Em meados do século dezenove, já estavam implantadas e em pleno funcionamento as diversas práticas anti-ecológicas que, nas décadas subseqüentes, produziriam uma profunda alteração no quadro ambiental do Rio Grande do Sul. Como viajante europeu, Avé-Lallemant obviamente sentia o efeito das extensas para-

gens com escassos habitantes, os reduzidos e dispersos núcleos urbanos e a ausência de típicas paisagens agrícolas. Por outro lado, não poderia ficar insensível diante da devastação de exuberantes florestas, nem tampouco diante do cenário desolador resultante das numerosas queimadas, tanto nas matas como nos campos.

A este respeito vale a pena reproduzir alguns comentários do autor:

Quanto mais penetra o observador nesta maravilhosa oficina da natureza, tanto mais surpreso fica quando ela termina. Estamos à margem de um vasto campo de batalha. Centenas, milhares de troncos carbonizados jazem na inclinada encosta. Alguns ainda de pé, tostados pelo incêndio, estendem os galhos negros súplices, clamando a vingança do céu, até que o machado se ajunte ao fogo que já o precedera, e o tronco, ferido pelo ferro, se precipite no abismo.

Decerto passa ela, a princípio, através de um terrível campo de batalha! Aqui a floresta sofreu desesperadamente do ferro e do fogo. De pé ou caídos se vêem, à esquerda e à direita, troncos carbonizados, horrível quadro da feroz destruição com que, quase em toda parte, começa a agricultura no Brasil.

Lamentavelmente este comentário, sobre a destruição florestal em Santa Maria, soa ainda incomodamente atual em todo o Brasil.

Em certo lugar ardia a relva seca. No outono, nos dias quentes e secos, queima-se a relva alta e murcha. Com verdadeira avidez avança, queimando, o elemento inflamado em milhares de pequenas chamas; em toda parte ele arde, crepita e chameja em sinuosidades serpentina, de modo que dificilmente se evita o fogo. Zumbindo fogem as abelhas, gafanhotos e moscardos, para serem afugentados para mais longe pelo fogo que os segue. Quando se dissipam o fogo e a espessa fumaça, fica um triste campo negro.

Epílogo

Avé-Lallemant faleceu na mesma cidade em que nasceu, Lübeck, no ano de 1884, contando, portanto, 72 anos de idade. Muitos aspectos adicionais relativos ao importante documento deixado sobre a província do Rio Grande do Sul poderiam ser abordados e discutidos com maior profundidade, à luz dos inúmeros conhecimentos atuais ou à sombra do passado irremediável-

mente perdido. Para finalizar, nada melhor do que citar um trecho do escritor, onde se manifesta uma pronunciada antevisão dos anos que deveriam sobrevir. O quanto desta antevisão se concretizou efetivamente pode ser conferido por qualquer leitor das gerações atuais, no limiar do sesquicentenário da *Viagem*. O autor refere-se às minas de carvão dos arredores de São Jerônimo:

Pelo momento, elas tem pouco valor prático, dada a abundância de lenha na região do Guaíba, o pequeno número de habitantes e a falta de fábricas. Mas se um dia a lenha encarecer e encarecerá, se continuarem a desperdiçá-la desmedidamente, como se tem feito até agora, se o Guaíba e seus afluentes vierem a ter um milhão de habitantes e numerosas fábricas em seus rios navegáveis, então se reconhecerá todo o valor das jazidas de carvão de pedra e elas serão exploradas em todas as direções e profundidades.

Nas proximidades da jazida de carvão há um rico minério de ferro à flor da terra, cuja futura exploração certamente será lucrativa. Todavia esse tempo ainda está distante, como as próprias jazidas de carvão e ferro. Por hora, a agricultura e a criação de gado, a ser melhorada, são os principais objetivos de todas as atividades no coração da Província. A ela sobretudo, à honrada e nobre agricultura, desejo milhões de braços ativos, a que se juntarão as bênçãos do solo e do céu.

Jorge Luiz Waechter é professor do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.